

Luiz Cristovão dos Santos

# PADRE CARLOS COTTART

## UM VIGÁRIO DO PAJEÚ



(Proventos destinados à aquisição de vitrais para a Matriz dos Afogados da Ingazeira - Pernambuco)

RECIFE - 1953

*LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTO*

PADRE CARLOS COHART  
UM VIGÁRIO DO PAJEÛ

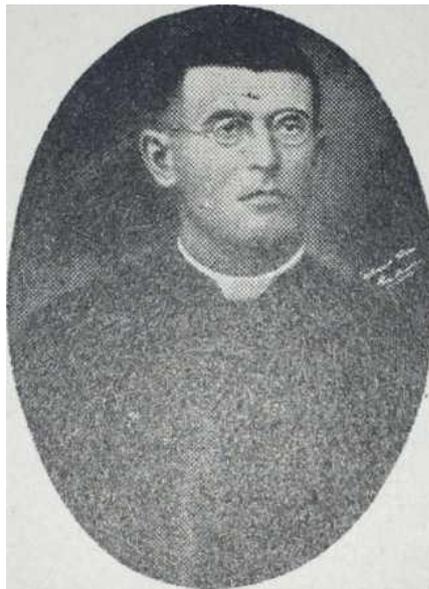
*PROVENTOS DESTINADOS À  
AQUISIÇÃO DE VITRAIS PARA  
A MATRIZ DOS AFOGADOS DA  
INGAZEIRA— PERNAMBUCO)*



RECIFE - 1953

*LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS*

# PADRE CARLOS COHART UM VIGÁRIO DO PAJEÛ



*(PROVENTOS DESTINADOS À  
AQUISIÇÃO DE VITRAIS PARA  
A MATRIZ DOS AFOGADOS DA  
INGAZEIRA— PERNAMBUCO)*



RECIFE ~ 1953

**Aos heróicos e abnegados vigários das cidadezinhas matutas, pioneiros da civilização nas "ribeiras" do Moxotó, do Pajeú, do Riacho do Navio e do Brígida, a cujo apostolado incansável se deve o milagre da unidade e da tradição cristã da terra sertaneja, continuadores que são exemplo e do zêlo do Padre Carlos Cottart, cuja memória venerada o Pajeú guardou agradecido.**

***HOMENAGEM DO AUTOR***

Afogados da íngazeira, Setembro de 1953.

Afogados da Ingazeira é uma tranquila cidade da "ribeira" do PAJEÛ.

O rio lendário a envolve numa curva amorosa, e ao longe, num círculo de léguas, lovantam-se as serras que rodeiam a planície onde está o casário alegre. Aquela é a serra dos Pereiros, a do Jardim, da Malinha, da Colônia, das Quintas, do Pelo-Sinal, de São João de Solidão. E mais além, esbatida na distância azulada, se alteia a lombada majestosa da Borborema

Nenhum recanto pode se orgulhar de possuir por-de-sol mais belo que êsse pedaço sertão. A tarde o sol se afoga nas nuvens sangrentas do ocaso. E tôda a cidade parece tocada da estranha beleza daquela hora de luz esmaecida e suave.

Faixas de ouro velho correm paralelas por sôbre o perfil das serranias que se erguem no horizonte, na meia luz da tarde agonizante.

E nuvens tarjadas de roxo e de vermelho fazem do ocaso um quadro de impressionante beleza.

Aos poucos a escuridão vai apagando a fogueira do poen-

te. E quando as trevas já dominam o céu fulvo, pedaços de nuvens afogueadas e faixas imensas de luz ainda se debatem contra a noite que se aproxima. Então, envolta na claridade mortiça, se destaca no meio da larga praça a imponente Matriz da cidade, construída quarenta anos atrás, por um sacerdote ali chegado em 1910.

Foi o padre Carlos Cottart, francês de origem mas profundamente radicado naquele sertão onde veio a falecer, quinze anos depois de intenso apostolado e grandes serviços prestados à Paróquia.

O seu corpo está sepultado ao lado direito da Matriz que êle construiu, no belo túmulo de granito que o povo ergueu em sua memória.

Outrora, antes da colonização, aquelas paragens foram habitadas por índios cariris, senhores absolutos da região.

E quando o padre Cottart chegou quis saber de tudo: a história dos Índios, quem fundou a cidade, os povoados, as vilas. E começou a conversar com os antigos habitantes e moradores das re-



Essa é a bela Matriz que o Padre Cottart construiu em Afogados da Ingazeira, à custa dos maiores sacrifícios

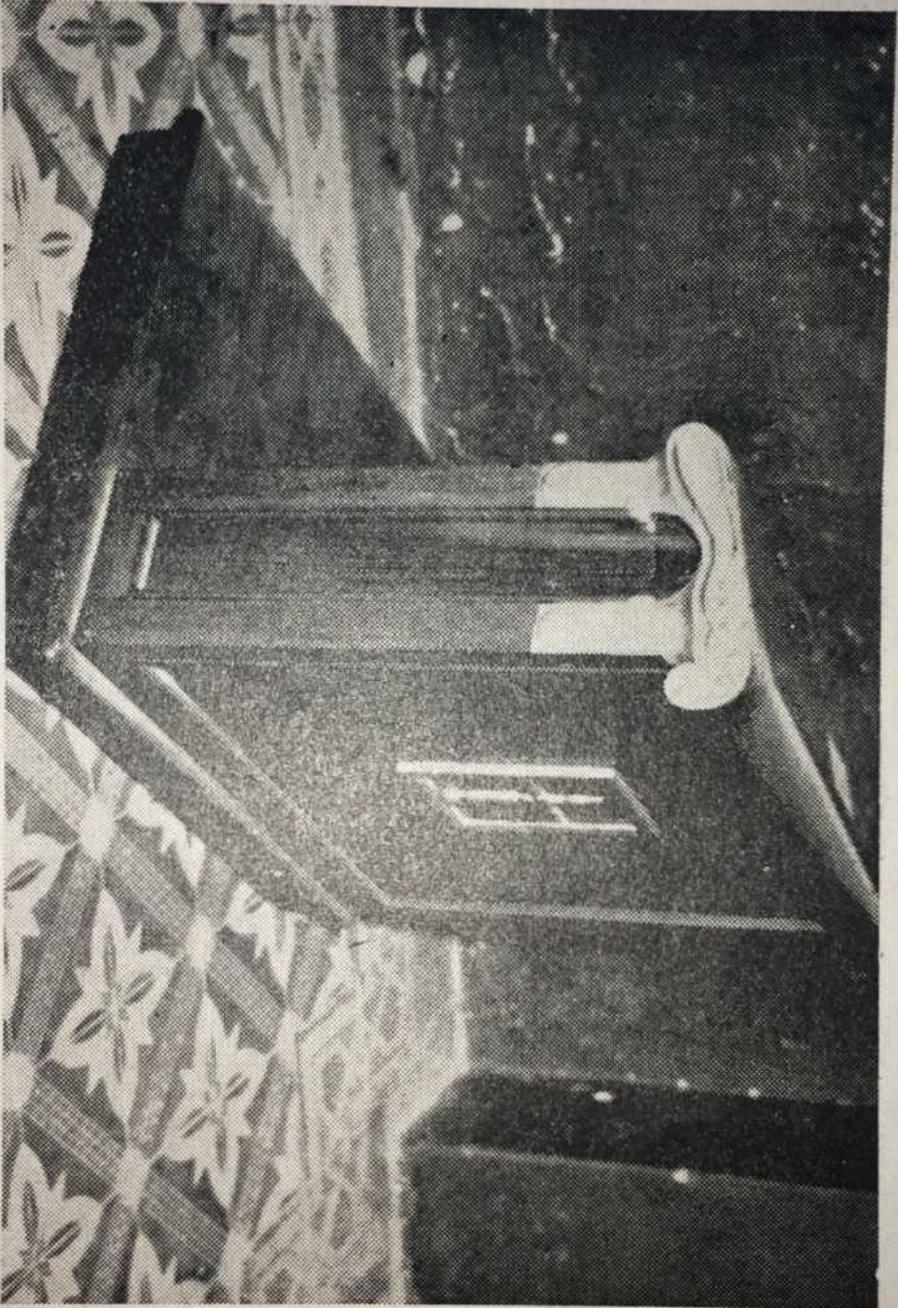
LUIZ C. DOS SANTO

dondezas, a estudar os velhos papéis do arquivo paroquial, a anotar, a pesquisar reunindo dados sobre a história e a geografia daqueles mundos brabos, da terra adusta para a qual viera em troca da pátria francesa, onde deixara a família, o clima nativo, para ser vigário nos sertões do Brasil. Aquele padre, bem nascido e bem criado, que cursara na mocidade brilhante uma escola superior de engenharia, viera da Europa para terminar os seus dias no meio da gente simplória dos sertões, onde êle não se limitaria a exercer tão somente o seu apostolado cristão. Nem apenas a dizer missa, casar e batizar a matutada. Nem a pregar sermão para o povo daquelas brenhas que temia o fogo do inferno e o bafo de Satanaz. embora não deixasse de mão o bacamarte e o punhal afiado. Padre Cottart não se limitou a ser apenas o vigário metido na sacristia, rezando nos altares, andando léguas e mais léguas montado a cavalo, nas desobrigas estafantes pelos sítios e fazendas, por todos os recantos da sua imensa paróquia, cumprindo à risca os seus deveres de pastor. Não. Aquele francês chegou com fome e sede do sertão. Com os olhos esbugalhados para o trópico, a curiosidade aflorando à pele por tudo que dissesse respeito à história, aos costumes, à geografia da terra ensolarada. Devia ter lido muito sobre o Brasil, por certo que estudara a vida dos evangelizadores, um Anchieta, um Nóbrega, talvez o malogrado

educador caboclo padre Ibiapina.

E quis se meter de rijo no meio do povo inculto, conhecer os seus costumes e usos, que por certo não lhe arripiaram a formação à maneira da França, onde, antes da batina, tirara o curso de engenharia. Por isso pisou o chão duro do sertão com a alma ansiosa para penetrar os desvãos espirituais da gente que lhe admirava o sotaque esquisito e andar pelas veredas, subir as serras, pisar a areia do leito sêco dos riachos humildes. vencer o lombo das montanhas nuas, penetrar as furnas e os grotões, olhar de perto as rochas que faiscavam no alto dos montes e, por cima, auscultar a alma daquela gente mestiça profundamente marcada por complexos telúricos que lhe rolavam no sangue esquentadiço.

Bom que valeu ao padre Cottart o alpinismo que praticara na mocidade, nas montanhas geladas da França. Por que, ágil e seguro, êle es. calou quase todas as serras importantes da paróquia — a de São João, a da Carapuça, a da Matinha, a do Pelo-Sinal, a serra de Santa Isabel, a da Canastra, a dos Pereiros. E não deixou nem monte, nem escarpa, nem rocha abrupta por conhecer. Cerla vez, numa das suas excursões, encontrara no alto de uma serra, pedaços de vasos de barro dos índios. Reuniu-os amorosamente, e, pacientemente iuntou com as mãos ávidas aqueles restos de cerâmica Cariri. Depois, anotou, comparou, descreveu. De ou-



Genuflexório que pertenceu ao Padre Cottart e que se encontra ao lado do seu túmulo de pedra no interior da matriz de Afogados da Inzageira.

## VM VIGÁRIO DO PAJEL

tra feita deu com ossos humanos numa fuma. Era por certo um cemitério de índios, em lugar quase inacessível. O bom do padre Cottart exultou. Correu aos compêndios e passou noites e dias agarrado com a história dos tapuias. Gostava dos passeios, das excursões, dos estudos realizados em contacto directo com a Natureza. E nas suas andanças, sertão afora, jamais estranhou o sol escaldante que lhe queimava a pele sensível.

Recolhendo os depoimentos de pessoas antigas e, sacudindo o pó dos velhos papéis reconstituiu a origem dos povoados, das vilas, das fazendas da região. Ficou senhor da história das capelas, dos antigos vestígios, das velhas famílias que povoaram a paróquia.

E não deixou pedra com inscrição nem serrote de formação esquisita que não visitasse para observar e estudar. Também a alma do povo não tinha mistério nem segredo para o padre Cottart que a conquistou, de mãos macias e olhos azuis, brilhando por traz dos óculos de aro dourado.

Conhecia as virtudes e os defeitos daquela gente com a sagacidade e a astúcia de "caboclo da aldeia". Ainda hoje causa espanto a capacidade de trabalho dêsse padre estrangeiro, perdido nos confins do sertão.

Além do encargo da paróquia imensa que se estendia por muitas léguas, onde êle exercera realmente um intenso apostolado ainda sobrava tempo ao padre Cottart para

se dedicar aos serviços da construção do Colégio de Triunfo e da majestosa Catedral de Petrolina, na beira do São Francisco, além dos serviços também de construção a que se dedicava nos distritos e nas cidades vizinhas. E no meio de tôda essa trabalhadora, sem dispor de meios rápidos de transporte e estradas, a não ser as exaustivas viagens a cavalo por péssimos caminhos o padre ainda teve tempo de operar verdadeira revolução no meio daquela gente, incentivando a instrução religiosa, combatendo a ignorância e formando com zêlo e carinho as novas gerações. A saúde é que se gastava, os nervos se destemperando, a resistência orgânica a declinar paulatinamente. Mesmo assim padre Cottart não temia a chuva, nem a poeira da estrada, nem o sol de fogo. Até que em uma das suas viagens a cavalo, a caminho de Petrolina encharcou-se sob um aguaceiro. Sentiu os primeiros sintomas da enfermidade que o levaria ao túmulo. Quis prosseguir e não pôde. Voltou. Recolheu-se a uma casa modesta. Era o fim. Monsenhor Urbano de Carvalho, vigário de Sertânia, veio lhe administrar os últimos sacramentos. Agonizava no leito pobre, cercado dos fiéis, de cujos olhos as lágrimas corriam. E tranquilamente, no meio dos seus paroquianos, quando raiou a madrugada, o vigário morreu. Lá fora amanhecia o dia vinte e três de dezembro de 1923. Nem rezou a sua Missa do Galo. Três dias antes de morrer pediu



Os restos mortais do Padre Cottart repousam nesse sugestivo túmulo feito com a rocha das serras do Pajeú

### *Luiz C. dos Santos*

-que o levassem a vêr a sua Matriz, pela última vez. Levaram-no devagarinho e êle percorreu amparado nos braços dos fiéis a Igreja que era a menina dos seus olhos e onde hoje dorme para sempre. Por certo evocou os dias passados, a canseira da construção, pedindo a uns e a outros, vencendo os obstáculos e as dificuldades, superando com tenacidade e perseverança a pobreza do meio ambiente. Até que um dia o sino cantou no alto da torre e êle

rezou a Missa no altar da nova Matriz.

Diariamente diante do seu túmulo desfilam homens e mulheres, muitos dos quais êle guiou pelos caminhos da Fé.

O Padre Carlos Adriano Maximínio Cottart não foi apenas um grande vigário do sertão. Foi também um enamorado das serras, do sol faiscante, dos riachos anônimos, das quixabeiras, da beleza selvagem, da terra adusta e formosa do PAJEÚ.

# AFOGADOS DA INGAZEIRA

Aqui, outrora, a tribo sobraceira  
dos cariris - indômita nação -  
dominando as paragens do sertão  
viveu feliz, impávida e guerreira.

Um dia o branco, na marcha pioneira  
chegou ao PAJEÚ. O boi desfila.  
Eis o curral, a fazenda e a vila  
enfim surgiu, risonha e hospitaleira.

Depois PADRE COTTART fez tua igreja  
a mais bela da terra sertaneja  
- um poema de FÉ na tua praça!

Meu coração te louve e te bendiga  
Deus te faça feliz, cidade amiga  
cheia de sonho, de esperança e graça

*Luiz Cristóvão dos Santos*

## OBRAS DO AUTOR:



*Hino ao Sertão* — Poesias,  
Tip. "Prima" - Editora.  
Recife - Pernambuco.

*Adolescência* — Poesias --  
1938. "Geração" -- Edit.  
Recife - Pernambuco

*Bilhetes do Sertão* — Cro-  
nicas sertanejas — 1950.  
Prefácio de A. Napoleão.  
Tip. "Prima" - Editora.  
Arcoverde - Pernambuco

*Caminhos do Pajeú* — Crônicas sertanejas — 1952  
Prefácio de José Lins do Rêgo — Capa de *Ladja-  
ne* — Editora "Nordeste". Recife - Pernambuco.

*Frei Damião* — *O Missionário dos Sertões* — 1953  
"Jornal do Commercio" — Recife - Pernambuco.

### EM PREPARO:

*Carlos de Brito (O Bandeirante da Goiaba)* — Ensaio  
biográfico -- 1953 — Introito do Prof. José Eus-  
táquio da Silva — Ed. "Fôlha da Manha S/A" —  
Recife — Pernambuco.

*A Paisagem Humana do Pajeú* (Tentativa de inter-  
pretação de um rio sertanejo).